



## MENSAGEM DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

### Aos Municipios da Nação

*Ex.<sup>mo</sup> Senhor:*

A orgulhosa e perfida Alemanha, violadora de tratados e assassina de povos indefensos, declarou a guerra a Portugal, pretendendo, ao mesmo tempo lançar desdenhosamente sobre o povo portuguez o estigma de «vassallo da Inglaterra», por ter sabido conservar-se fiel á fé jurada.

A injuria, que o despeito impotente do teutão arremessou a Portugal, resvalou sobre o baluarte do nosso desprezo e desfez-se ante a serena altivez d'um povo, que, acima de tudo, colocou o seu amor á liberdade e sempre preferiu a morte com honra á vida com ignominia.

Na hora anciada e tremenda, em que os destinos da raça comum atravessam a crise mais violenta e grave que a Historia regista, Portugal, que encaneceu na virtude e no sacrificio, na abnegação e no desinteresse, fazendo a jornada dos seculos a semear louros e a colher violetas, modesto e heroico, que talhou para si um lar acanhado e estreito, á face do globo, alargando o mundo para o esplendor offuscante de uma civilisação, de que a humanidade se desvanesse, a terra portugueza, ingenua, amovel e boa, amando o relampago das enxadas e detestando as sintilações dos sabres, estremeceu de indignação, e desde logo repeliu energicamente a afronta germanica, apontando a seus filhos o lugar que o brio e a dignidade nacional ofendidos lhes assignalavam, neste combate de gigantes, nesta guerra santa, em que o direito ha-de triunfar do arbitrio, a justiça dominar e vencer para sempre a iniquidade, a razão sobrepujar e resplandecer eternamente sobre a força e a liberdade reconquistar o terreno que lhe usurpou, por momentos, o despotismo teutonico.

A raiva do colosso não apavorou a alma portugueza. Se possivel fosse, toda a Nação esqueceria o insulto, só para se lembrar que d'ele resultou o poder desassombradamente testemunhar toda a sua simpatia, toda a sua fé na vitoria dos aliados, contribuindo tambem para ela com todo o seu esforço, com a audacia, a decisão e o esperançado entusiasmo, com que outr'ora se aventurou ao tenebroso, em busca de immortalidade e de gloria.

Era esse o seu caminho, nada o desviou dele. Quem uma vez batalhou, dominou e venceu a tirania dos elementos, realisando a façanha mais prodigiosa da historia da humanidade, não podia deixar de estar hoje ao lado dos que combatem a tirania dum povo, que, na preamar da sua avidez e da sua cubiça, é oceano, que só conhece tempestades, mar, encapelado e tragico, que só produz ruina, desolação e morte.

A Alemanha, que transformou os sabios em algozes, que pôz a sciencia ao serviço da carnificina e do massacre, era o inimigo de todos os povos.

Contra a furia teutonica, não se levanta apenas em nós a razão suprema da tradição e do passado, que nos leva a amar, sobretudo, a independencia e a honra de todas as Patrias.

Desde o primeiro instante desta luta espantosa, da aguia revelada chacal, o povo viu claramente que o triunfo da Alemanha, era, pelo menos, a mutilação irremediavel do solo patrio, a perda irremessivel do seu glorioso dominio colonial. Nem a dementada Germania lhe ocultou o seu traiçoeiro designio. Soldados portuguezes, massacrados pelas hostes barbaras da Alemanha, regam com o sangue aquella terra que é o seu orgulho e expiram levando no olhar velado, a visão querida do lar distante, onde em ancias deixaram as mães



e as noivas. O Cuangar e Naulila são invocações que enlutam a alma da Patria. É a propria Alemanha que justifica e ateia o odio que o instinto admiravel do povo portuguez sente crescer no fundo da sua alma. Se alguma duvida lhe restasse, quanto ás ambições germanicas, essa duvida teria desaparecido com o traíçoeiro ataque.

O receio, a principio vago talvez, transformou-se numa nitida clara e esmagadora certeza do perigo e Portugal viu então que as colonias ainda eram portuguezas porque lá tremulava a bandeira verde rubra, mas que o deixariam de ser no dia em que a vitoria premiasse a felonía e a traição.

Portugal está hoje em guerra com a Alemanha, que assassinou soldados portuguezes, que afundou navios mercantes sulcando os mares com a bandeira portugueza. Os peitos que a dôr oprimia reclamando vingança, podem já respirar livremente e, aconchegados uns aos outros constituir a muralha solida e impenetravel, que defende a integridade do lar e a honra da nacionalidade.

Portugal revive nesta angustia que lhe oferece um porvir radiante e o Municipio de de Lisboa que sabe bem que todos os Municipios do País são verdadeiros templos civicos, onde o culto da Patria se revigora e a oração sagrada da terra mãe se afervora e purifica, á chama dignificadora dos maiores sacrificios, a todos eles estende os braços, num amplexo de solidariedade para lhes afirmar a sua convicção que, dum extremo ao outro de Portugal, a velha congregação dos «homens bons», hoje, como sempre, ha-de honrar as tradições gloriosas do passado, transmitindo á alma popular toda a sua fé nos destinos da Patria, glorificada pela abnegação, pelo heroismo e pelo fulgor imarcessivel da Republica.

Viva a Patria!

Viva a Republica!

Saudé e Fraternidade

Paços do Concelho de Lisboa 7 de Abril de 1916.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal  
de *Lourinhã*

O Presidente da Comissão Executiva

*Levy Marques da Costa*